

Nº 91

**DINÂMICA DEMOGRÁFICA DA
POPULAÇÃO NEGRA BRASILEIRA**

12 de maio de 2011

Governo Federal
Secretaria de Assuntos Estratégicos da
Presidência da República
Ministro Wellington Moreira Franco

Fundação pública vinculada à Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais – possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiro – e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

Presidente
Marcio Pochmann

Diretor de Desenvolvimento Institucional
Fernando Ferreira

Diretor de Estudos e Relações Econômicas e
Políticas Internacionais
Mário Lisboa Theodoro

Diretor de Estudos e Políticas do Estado, das
Instituições e da Democracia
José Celso Pereira Cardoso Júnior

Diretor de Estudos e Políticas
Macroeconômicas
João Sicsú

Diretora de Estudos e Políticas Regionais,
Urbanas e Ambientais
Liana Maria da Frota Carleial

Diretor de Políticas Setoriais de Inovação,
Regulação e Infraestrutura
Márcio Wohlers de Almeida

Diretor de Estudos e Políticas Sociais
Jorge Abrahão de Castro

Chefe de Gabinete
Pérsio Marco Antonio Davison

Assessor-chefe de Imprensa e Comunicação
Daniel Castro

URL: <http://www.ipea.gov.br>
Ouvidoria: <http://www.ipea.gov.br/ouvidoria>

Comunicados do Ipea

Os *Comunicados do Ipea* têm por objetivo antecipar estudos e pesquisas mais amplas conduzidas pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, com uma comunicação sintética e objetiva e sem a pretensão de encerrar o debate sobre os temas que aborda, mas motivá-lo. Em geral, são sucedidos por notas técnicas, textos para discussão, livros e demais publicações.

Os *Comunicados* são elaborados pela assessoria técnica da Presidência do Instituto e por técnicos de planejamento e pesquisa de todas as diretorias do **Ipea**. Desde 2007, mais de cem técnicos participaram da produção e divulgação de tais documentos, sob os mais variados temas. A partir do número 40, eles deixam de ser *Comunicados* da Presidência e passam a se chamar *Comunicados do Ipea*. A nova denominação sintetiza todo o processo produtivo desses estudos e sua institucionalização em todas as diretorias e áreas técnicas do **Ipea**.

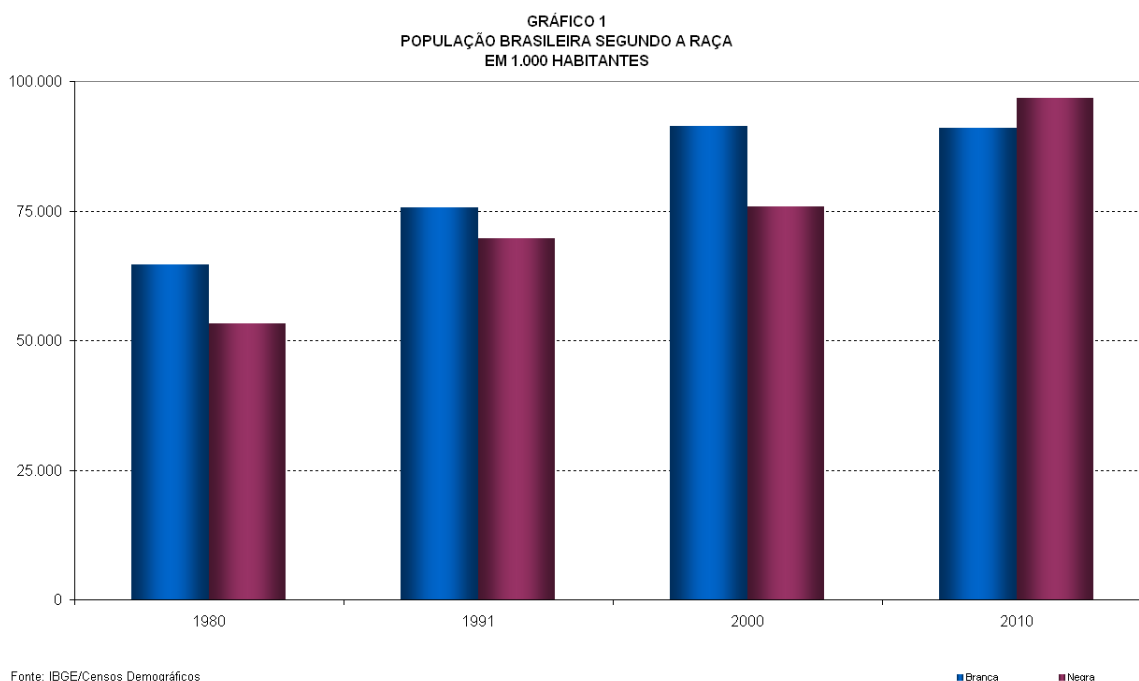
1 – Introdução¹

Mudanças expressivas ocorreram na população brasileira ao longo do século XX. Essas transformações atingiram todas as regiões, todos os grupos sociais e raciais, mas em ritmo e forma diferenciada. Entre elas, recebeu atenção especial dos estudiosos a diminuição da mortalidade, seguida, no tempo, pela queda nas taxas de fecundidade. A velocidade da queda tanto da fecundidade quanto da mortalidade acarreta mudanças rápidas no ritmo de crescimento da população e na sua distribuição etária.

Este trabalho descreve a trajetória da população negra e de suas componentes (fecundidade e mortalidade) comparada à branca e aponta algumas implicações para a demanda por políticas públicas. O trabalho está dividido em seis seções, sendo a primeira esta introdução. Na segunda, apresenta-se uma visão geral das tendências de crescimento dos grupos populacionais estudados e de sua composição etária. A terceira analisa o padrão da mortalidade por sexo, idade e causas; e a quarta, as mudanças nos arranjos familiares e no papel social das mulheres. Dado o envelhecimento populacional como consequência da dinâmica demográfica e sua importância para as políticas públicas, a penúltima seção compara este processo nos dois grupos populacionais. A sexta apresenta os comentários finais.

2 - O Crescimento Populacional e a Distribuição Etária

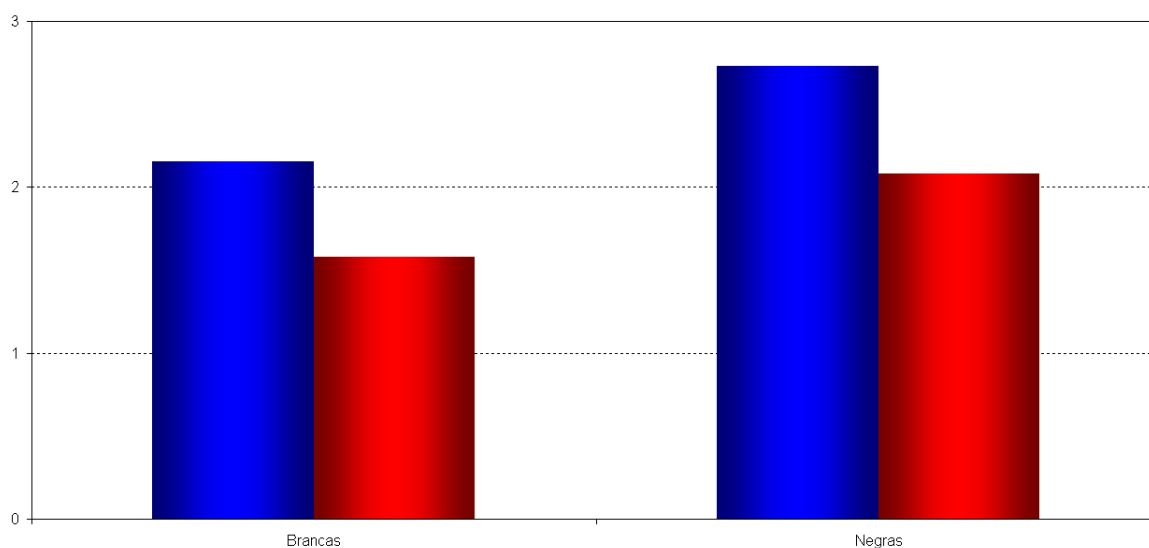
No Censo Demográfico de 2010, 97 milhões de pessoas se declararam negras, ou seja, pretas ou pardas, e 91 milhões de pessoas, brancas. Os negros formavam, aproximadamente, a metade da população brasileira nesse ano. Conforme se pode observar pelo Gráfico 1, a população branca era maior que a negra entre 1980 e 2000. Em 2010, esta situação se inverteu. Isso pode ser decorrente da fecundidade mais elevada encontrada entre as mulheres negras, mas, também, de um possível aumento de pessoas que se declararam pardas no censo de 2010. Como resultado, a taxa de crescimento da população negra entre 2000 e 2010 foi de 2,5% ao ano e a da branca aproximou-se de zero.



¹ Colaboraram para este estudo as técnicas de Planejamento e Pesquisa do Ipea Ana Amélia Camarano e Solange Kanso, a consultora Daniele Fernandes Carvalho e o bolsista Carlos de Castro Luz.

O gráfico 2 apresenta as taxas de fecundidade total das mulheres brasileiras desagregadas entre brancas e pretas em 1999 e 2009. Essas, acompanhando a tendência nacional, decresceram no período considerado. Enquanto na população negra a taxa de fecundidade total (número médio de filhos tidos por mulher ao final da vida reprodutiva) passou de 2,7 filhos para 2,1, na branca caiu de 2,2 para 1,6. Em 2009, todos os dois grupos de mulheres apresentaram taxas de fecundidade abaixo do nível de reposição.²

GRÁFICO 2
TAXA DE FECUNDIDADE TOTAL POR RAÇA
BRASIL



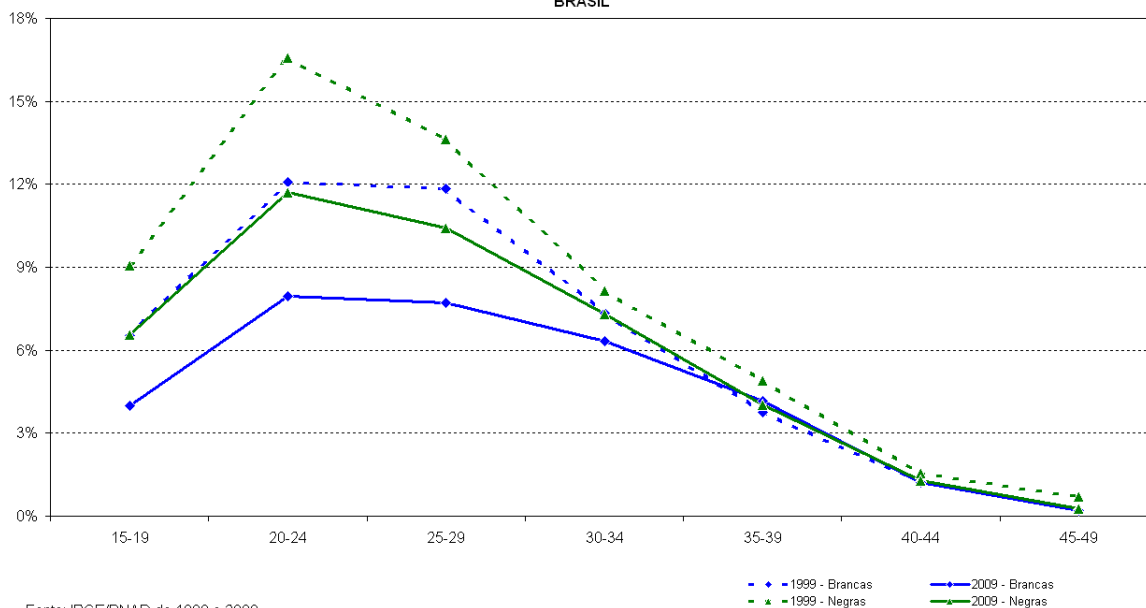
Fonte: IBGE/PNAD de 1999 e 2009.

■ 1999 ■ 2009

Os diferenciais de fecundidade entre mulheres brancas e negras não são homogêneos dentro dos vários grupos etários. Como mostra o gráfico 3, em 2009, a maior variação foi encontrada entre as mulheres de 15 a 19 anos. Essa diferença cresceu ao longo do tempo. Em 1999, a fecundidade das adolescentes negras era 38,9% mais elevada que a das brancas. Em 2009, esta diferença foi de aproximadamente 65%. Isto significa que, embora a fecundidade dos dois grupos tenha diminuído, esta redução foi mais acentuada entre as mulheres brancas.

² O nível de reposição é dado por uma taxa de fecundidade que acarreta crescimento populacional igual a zero, i.e., os nascimentos repõem exatamente as mortes em cada período.

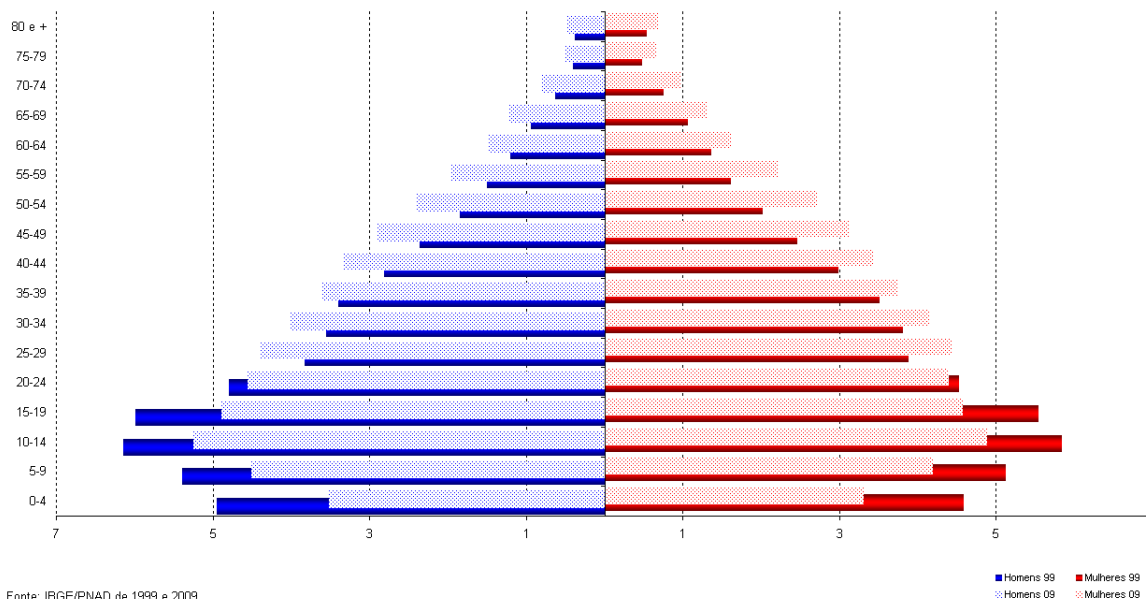
GRÁFICO 3
TAXA ESPECÍFICA DE FECUNDIDADE POR RAÇA/COR
BRASIL



Fonte: IBGE/PNAD de 1999 e 2009.

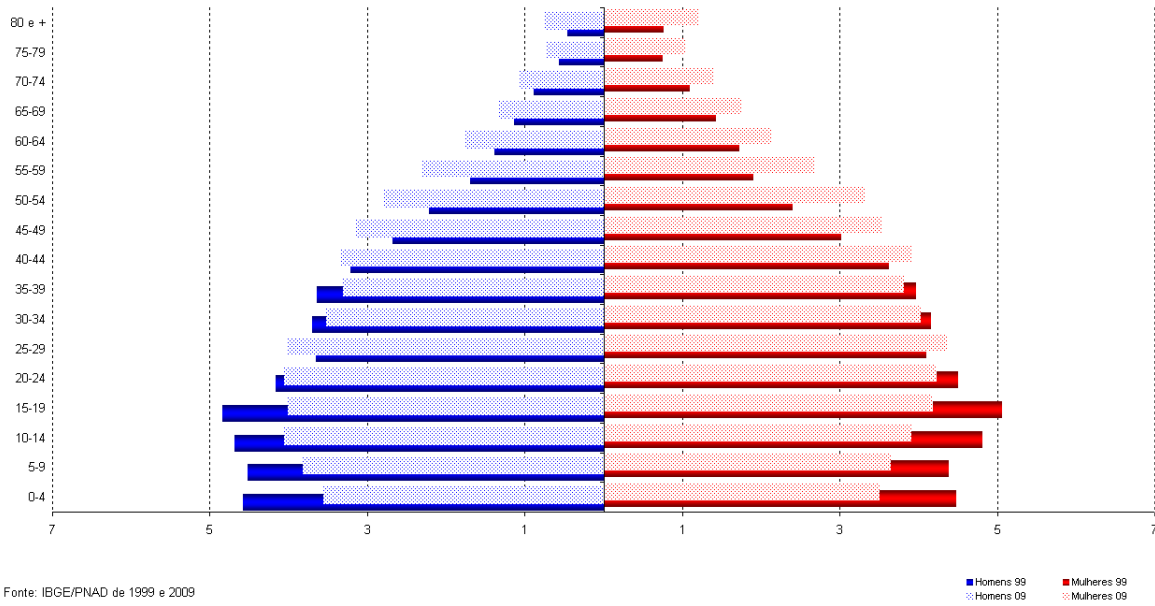
As diferenças na dinâmica demográfica por raça, descritas acima, colocam desafios diferenciados para as políticas públicas. Um deles destaca-se por sua complexidade: o envelhecimento populacional. Considera-se por envelhecimento populacional uma mudança nos pesos dos vários grupos de idade no total da população. A queda da fecundidade, em curso no país desde a segunda metade dos anos 1960, vem provocando uma redução da base da pirâmide. A queda da mortalidade que, inicialmente, beneficiava mais as crianças, hoje tem atingido mais a população adulta e idosa. Pode-se observar nos gráficos 4 e 5 esse movimento nas populações negra e branca, respectivamente.

GRÁFICO 4
DISTRIBUIÇÃO ETÁRIA DA POPULAÇÃO NEGRA POR SEXO
BRASIL



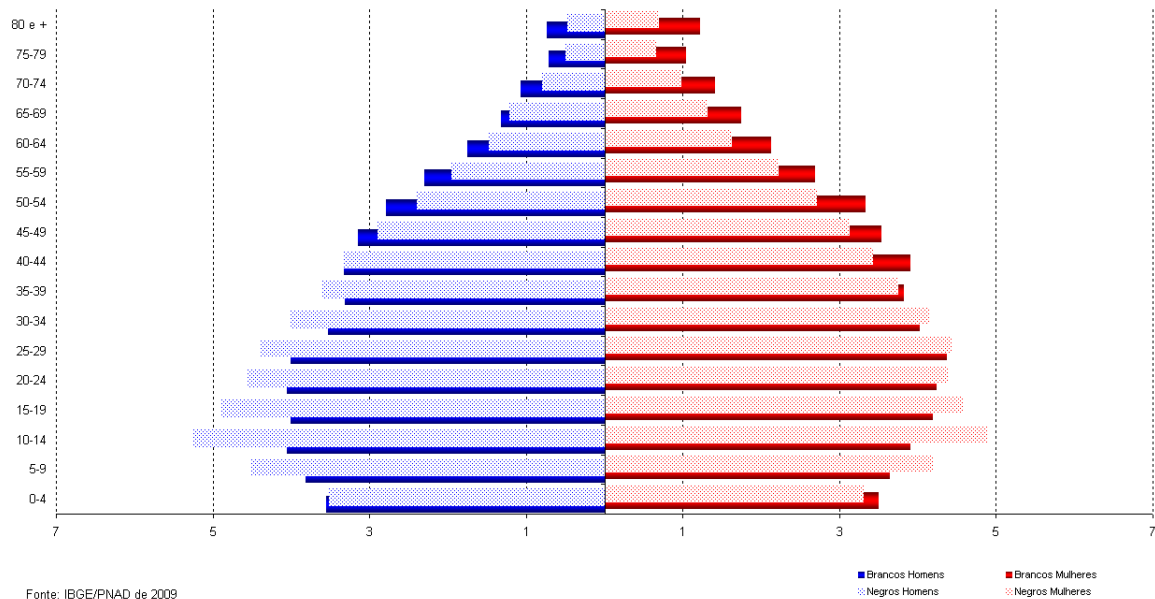
Fonte: IBGE/PNAD de 1999 e 2009

GRÁFICO 5
DISTRIBUIÇÃO ETÁRIA DA POPULAÇÃO BRANCA POR SEXO
BRASIL



No entanto, quando se compara as populações negra e branca, no gráfico 6, observa-se que o envelhecimento da população branca está mais avançado do que o da população negra, o que pode ser explicado pela fecundidade mais baixa do primeiro grupo. A população branca apresentou uma redução no seu contingente menor de 20 anos de 4,2 milhões de pessoas entre 1999 e 2009. Na população negra, isto ocorreu apenas entre a população menor de cinco anos e a redução foi de 402 mil pessoas. Por outro lado, a população idosa negra aumentou em 3,6 milhões e a branca, em 3,2 milhões.

GRÁFICO 6
DISTRIBUIÇÃO ETÁRIA DA POPULAÇÃO BRANCA E NEGRA POR SEXO
BRASIL, 2009

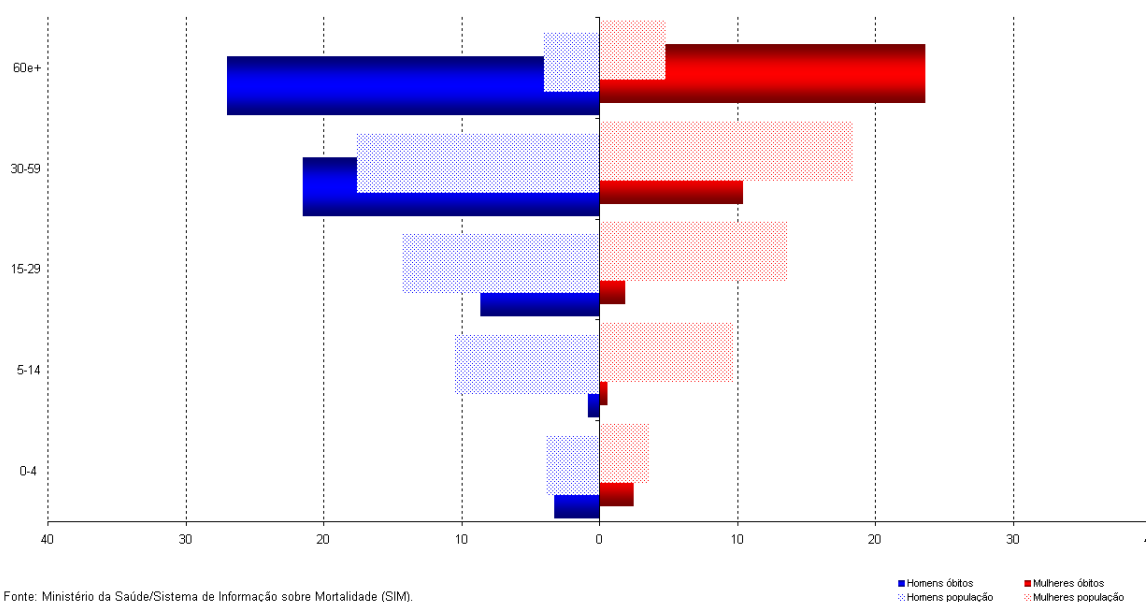


Outra diferença entre os dois grupos populacionais aparece na composição por sexo. Dentre a população branca, a proporção de mulheres era mais elevada. Isto é verdade para todos os grupos de idade.

3 – Mortalidade: o padrão por causas da mortalidade

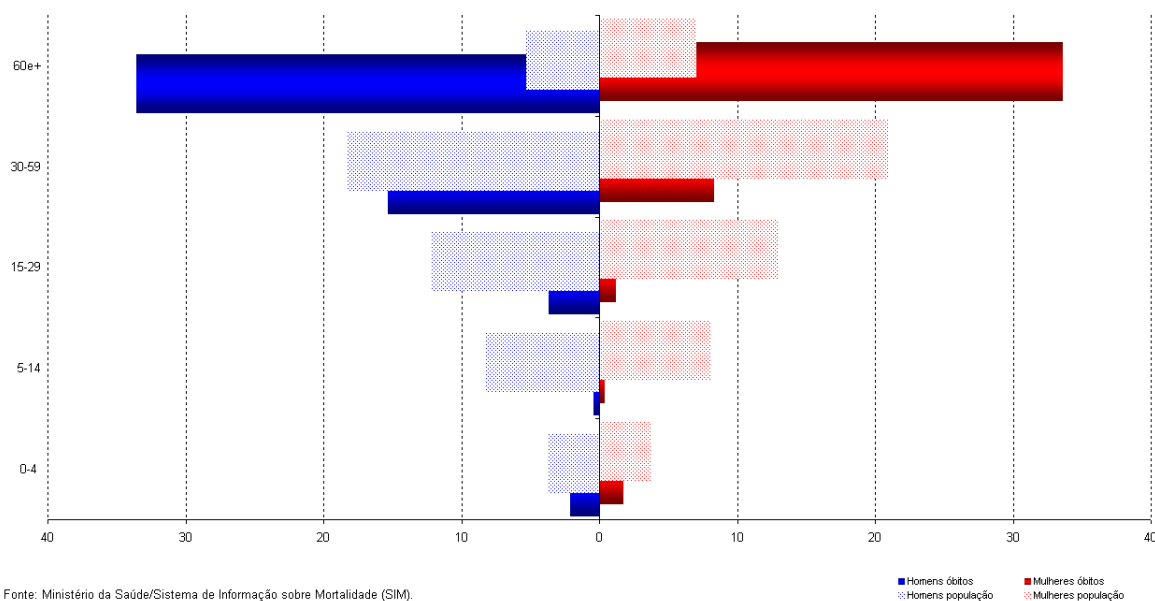
Dada a dificuldade em compatibilizar as informações de óbitos provenientes do Sistema de Informações de Mortalidade do Ministério da Saúde e as coletadas pelos censos demográficos, não foi possível calcular taxas de mortalidade e esperança de vida por raça. Foi, então, comparado o padrão de mortalidade por idade e causas dos dois grupos populacionais. Os gráficos 7 e 8 comparam a distribuição etária das populações negra e branca, respectivamente, com a dos óbitos dessas populações em 2007.³

GRÁFICO 7
DISTRIBUIÇÃO ETÁRIA DOS DA POPULAÇÃO E DOS ÓBITOS DA POPULAÇÃO NEGRA POR SEXO
BRASIL, 2007 (MÉDIAS MOVEIS)



³ As informações referem-se às médias dos anos 2006, 2007 e 2008 com a finalidade de evitar flutuações amostrais.

GRÁFICO 8
DISTRIBUIÇÃO ETÁRIA DA POPULAÇÃO E DOS ÓBITOS DA POPULAÇÃO BRANCA POR SEXO
BRASIL, 2007 (MÉDIAS MÓVEIS)



De maneira geral, o comportamento das duas distribuições segue o esperado. A proporção da população diminui com a idade e a de óbitos aumenta. No entanto, observa-se que os óbitos da população branca eram mais concentrados nas idades avançadas na comparação com os da população negra. Nesta, observa-se uma proporção bem mais elevada de óbitos entre jovens de 15 a 29 anos, que pode ser explicada pelo fato da população negra ser mais afetada por causas externas, como será visto posteriormente. Isto sugere que população negra tem expectativa de vida menor.

As mudanças na fecundidade e no padrão etário da mortalidade afetaram também o padrão das causas de morte da população brasileira. Na verdade, causas, idade e sexo da mortalidade são fatores bastante inter-relacionados. Tem sido observado, na população brasileira, a perda de importância relativa dos óbitos por doenças infecto-parasitárias e um aumento dos causados por doenças cardiovasculares e causas externas. O envelhecimento populacional afeta e é afetado pelo padrão etário e pelas causas de mortalidade. Os gráficos 9 e 10 mostram a distribuição proporcional dos óbitos da população negra e branca pelas cinco principais causas de morte em 2007,⁴ homens e mulheres, respectivamente. Estas causas foram responsáveis por aproximadamente 76% do total de óbitos. A principal para o total da população, independente do sexo ou raça, foi o grupo formado pelas doenças do aparelho circulatório, responsável por 28,5% dos óbitos masculinos da população branca e 25,0% da negra. Esta proporção foi mais elevada entre as mulheres, em torno de 33% nos dois grupos.

⁴ As informações também se referem às médias móveis de 2006, 2007 e 2008.

GRÁFICO 9
DISTRIBUIÇÃO PRPORCIONAL DOS ÓBITOS MASCULINOS POR RAÇA SEGUNDO TIPO DE CAUSA
BRASIL, 2007 (MÉDIAS MÓVEIS)

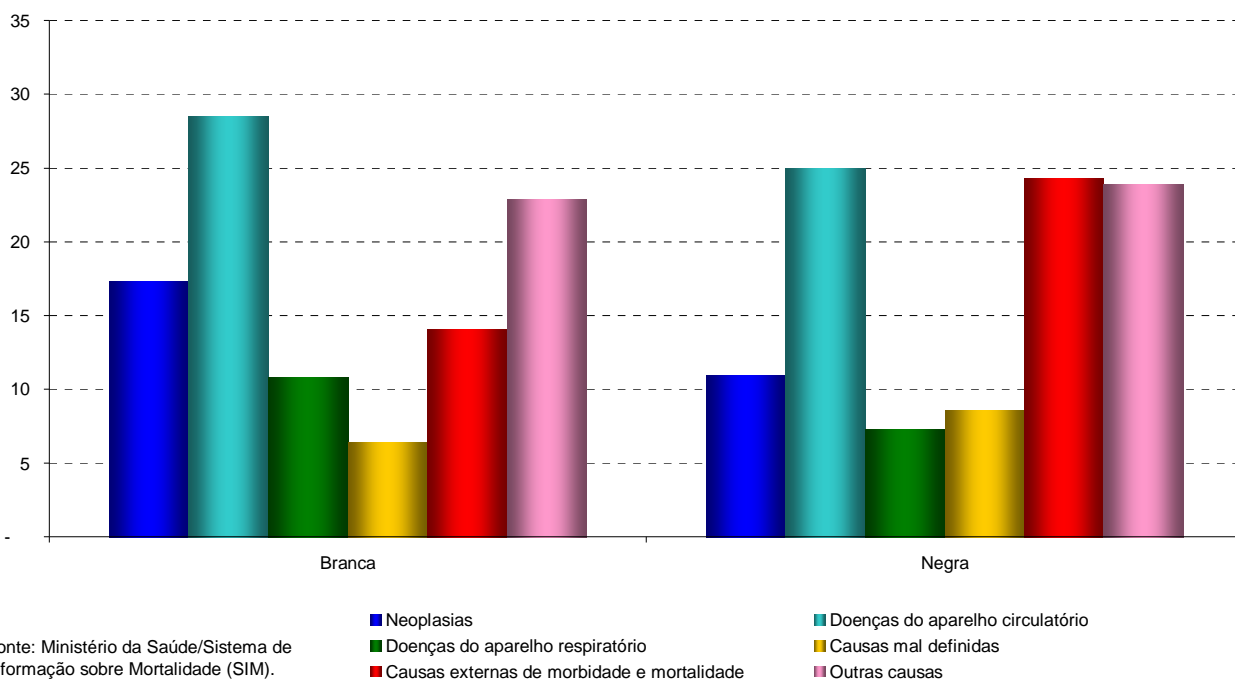
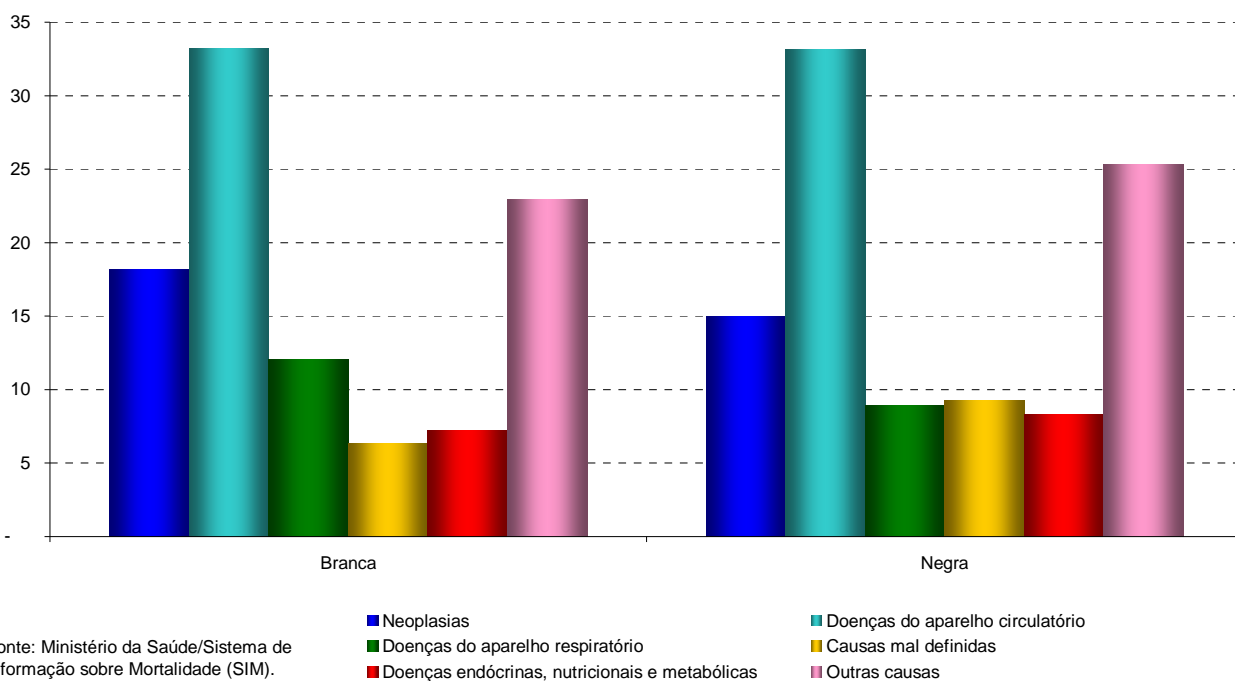


GRÁFICO 10
DISTRIBUIÇÃO PRPORCIONAL DOS ÓBITOS FEMININOS POR RAÇA SEGUNDO TIPO DE CAUSA
BRASIL, 2007 (MÉDIAS MÓVEIS)

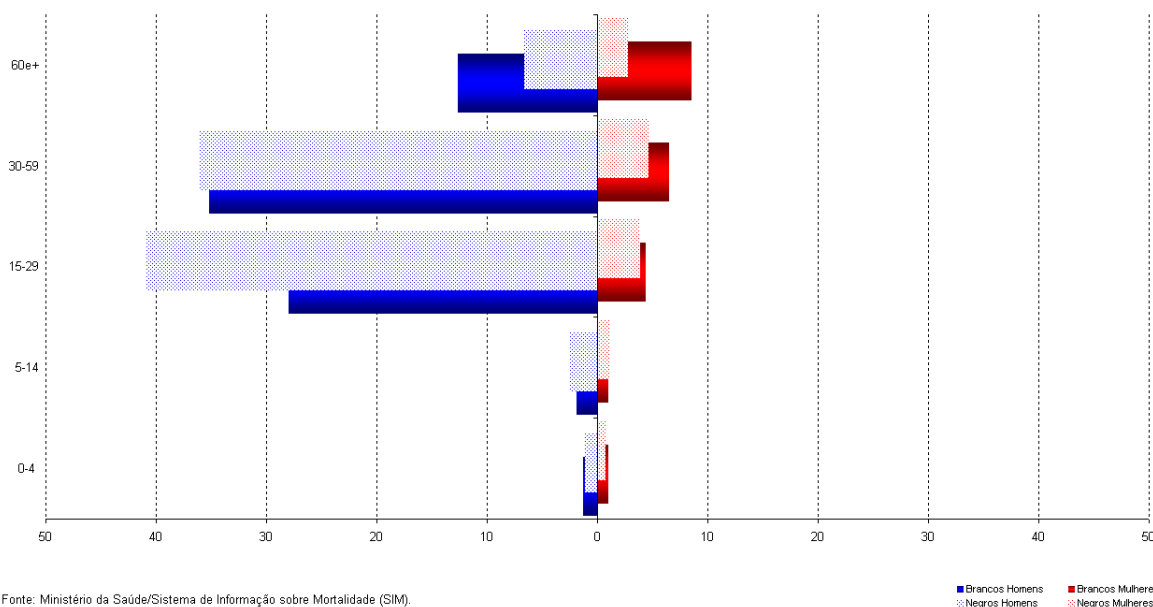


Diferenças mais acentuadas no perfil da mortalidade dos grupos considerados aparecem nas demais causas. Considerando a população masculina, a segunda causa mais importante para a população negra foram as externas, responsáveis por 24,3% do total de óbitos. A proporção comparável para os brancos foi de 14,1%, e, neste caso, foi a terceira mais importante. Entre os homens brancos, colocaram-se em segundo lugar as mortes causadas por neoplasias (17,3%). Elas foram a terceira causa de óbito na população negra. As duas restantes, as doenças do aparelho respiratório e as mal definidas, não tiveram variação relevante entre os dois grupos considerados.

A diferença por sexo no padrão de causas de morte está no peso da mortalidade por causas externas. Para os homens, representou a segunda mais importante causa de morte e, para as mulheres, ela não aparece entre as cinco principais. O menor número de mortes femininas por causas externas implicou um peso maior das demais causas no total de óbitos. De uma maneira geral, o padrão de causas de mortes femininas não difere muito entre a população negra e branca. A segunda causa mais importante foram as neoplasias, seguidas das doenças do aparelho respiratório.

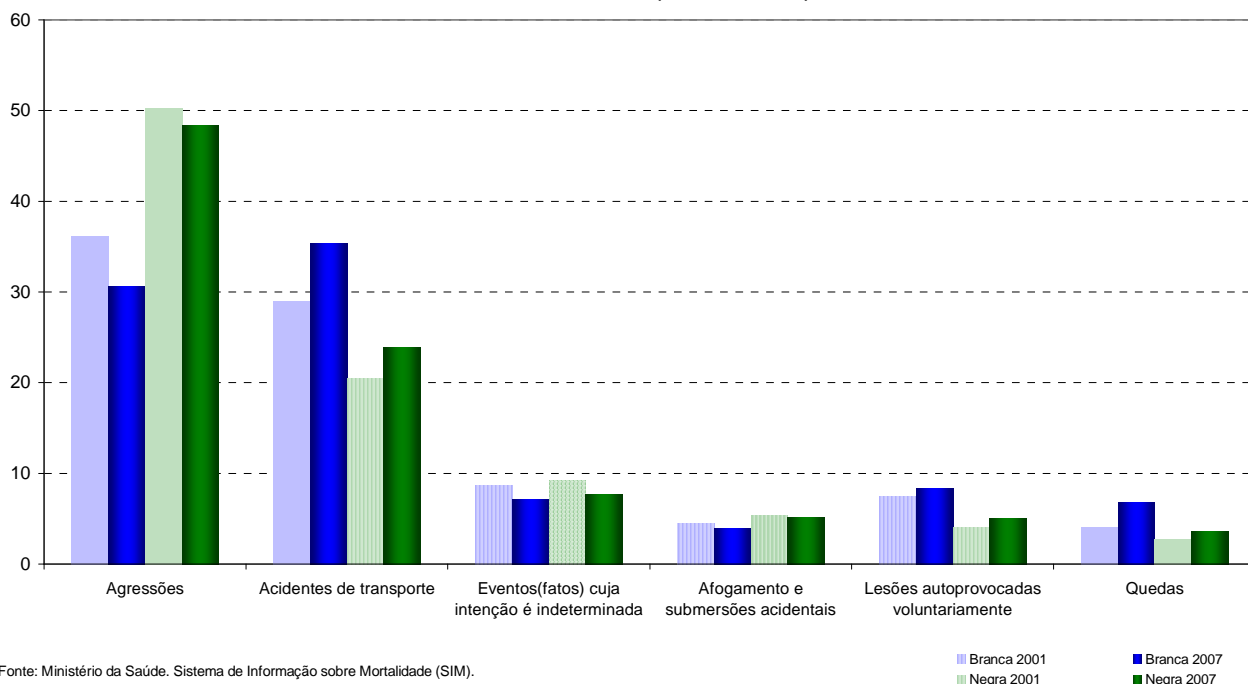
Dada a importância das causas externas, que são consideradas evitáveis, procedeu-se a uma análise mais detalhada do seu comportamento. O gráfico 11 apresenta a distribuição desses óbitos por idade e sexo na população negra e branca. Observa-se, em ambos os casos, uma concentração desses óbitos na população masculina de 15 a 59 anos. Entre os negros, esta concentração ocorreu na faixa de 15 a 29 anos e, entre os brancos, de 30 a 59 anos.

GRÁFICO 11
DISTRIBUIÇÃO ETÁRIA DOS ÓBITOS DEVIDO ÀS CAUSAS EXTERNAS POR RAÇA E SEXO
BRASIL, 2007 (MÉDIAS MÓVEIS)



Nos óbitos masculinos por causas externas, observa-se uma diferença entre os dois grupos raciais segundo o tipo de violência. Na população negra, a principal causa externa de morte em 2001 e 2007 foram os homicídios (ver Gráfico 12). Estes foram responsáveis por aproximadamente 50% dos óbitos nos dois anos considerados, sendo que o número apresentou ligeiro decréscimo no período. Por outro lado, entre a população branca, os homicídios, apesar de constituírem a principal causa em 2001, tiveram uma proporção bem mais baixa, 36,2%. Este número diminuiu no período considerado e os acidentes de transporte passaram a ser responsáveis por 35,3% das mortes. Esta causa também aumentou entre a população negra, mas não alcançou 24%. As outras causas externas consideradas foram eventos cuja intenção é indeterminada (afogamentos, suicídios e quedas).

GRÁFICO 12
DISTRIBUIÇÃO DOS ÓBITOS MASCULINOS DEVIDO ÀS CAUSAS
EXTERNAS POR RAÇA SEGUNDO O TIPO DE CAUSA
BRASIL, 2001 E 2007 (MÉDIAS MÓVEIS)

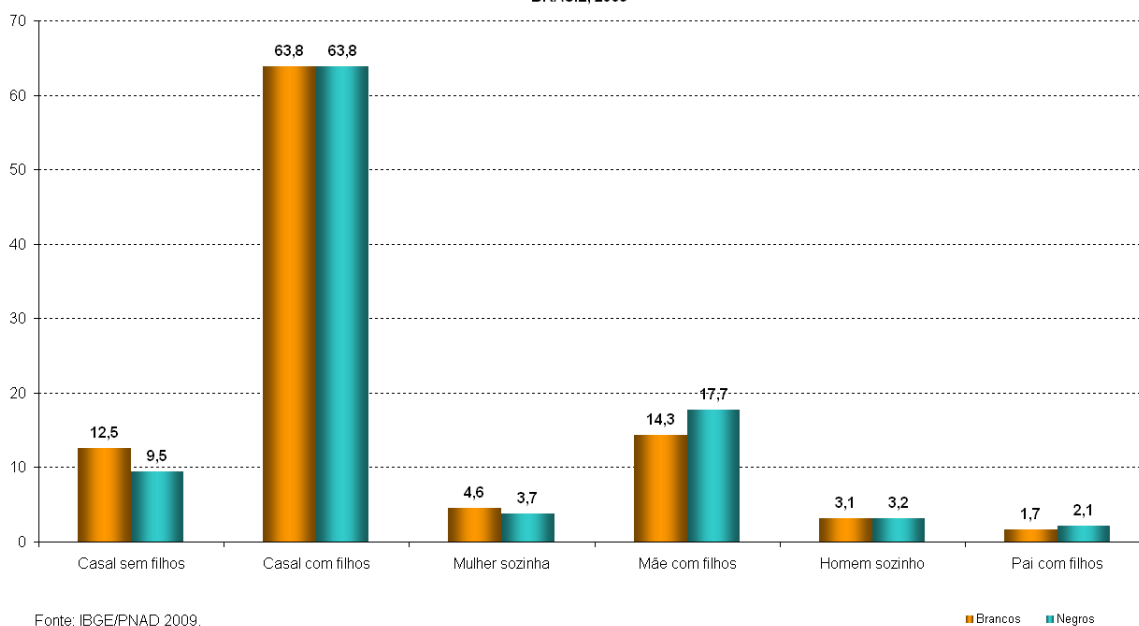


4 - Estruturas Familiares e o novo papel social da mulher

Apresenta-se a seguir, brevemente, uma descrição de como a população se distribui pelos arranjos familiares, segundo a raça, à luz dos resultados da PNAD de 2009.

O arranjo familiar predominante no Brasil é o do tipo casal com filhos, embora esta predominância venha decrescendo ao longo do tempo. Esta tendência se verifica independentemente da raça. Observando como as pessoas se distribuem nos vários tipos de arranjos, verifica-se, no Gráfico 13, que 64% delas, independentemente da raça, compunham famílias formadas por casais com filho. Este arranjo se caracteriza pela predominância de chefes homens. Uma diferença que se nota entre brancos e negros é a proporção maior de mulheres negras chefiando domicílios, principalmente com filhos.

GRÁFICO 13
DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO POR COR/RAÇA E TIPO DE ARRANJO FAMILIAR
BRASIL, 2009



O aumento da proporção de domicílios chefiados por mulheres guarda estreita relação com o aumento da participação feminina no mercado de trabalho, o que está mostrado no gráfico 14. Houve um aumento na participação tanto das mulheres negras quanto das brancas, mais expressivo para as últimas. Estes fatores provocaram algumas mudanças nas características dos domicílios brasileiros, alterando as relações tradicionais de gênero: mulher cuidadora e homem provedor. Um dos indicadores dessas transformações é dado pelo aumento da contribuição das mulheres para a renda das suas famílias, o que ocorreu nos dois grupos populacionais. Entre as brancas, essa passou de 32,3% para 36,1%, e, entre as negras, o aumento foi de 24,3% para 28,5% (gráfico 15).

GRÁFICO 14
TAXA DE ATIVIDADE FEMININA POR RAÇA
BRASIL

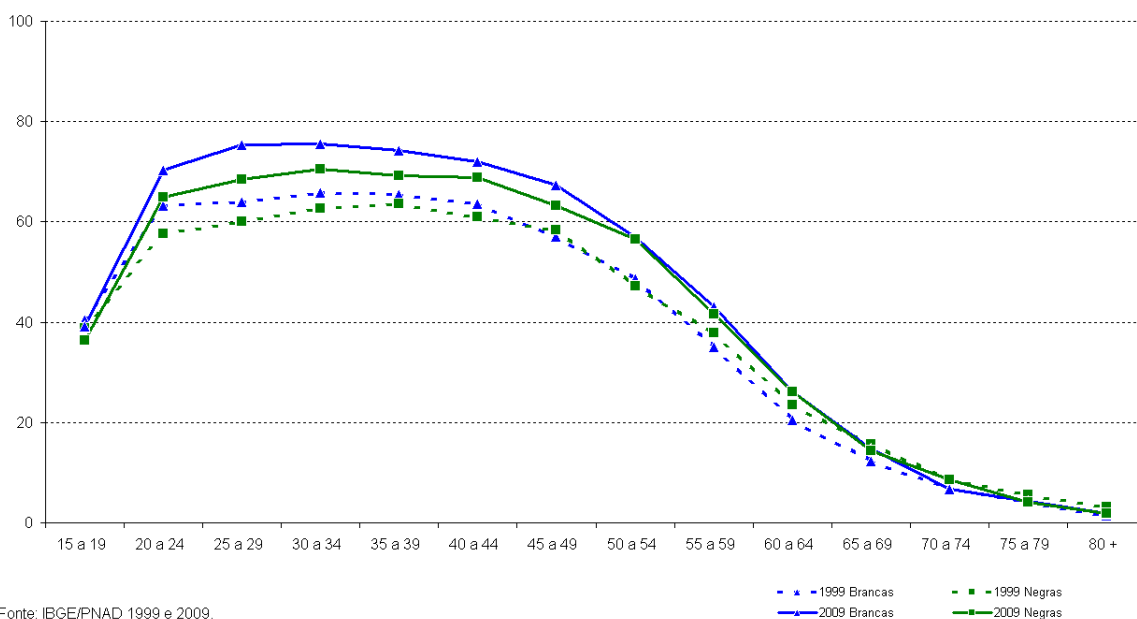
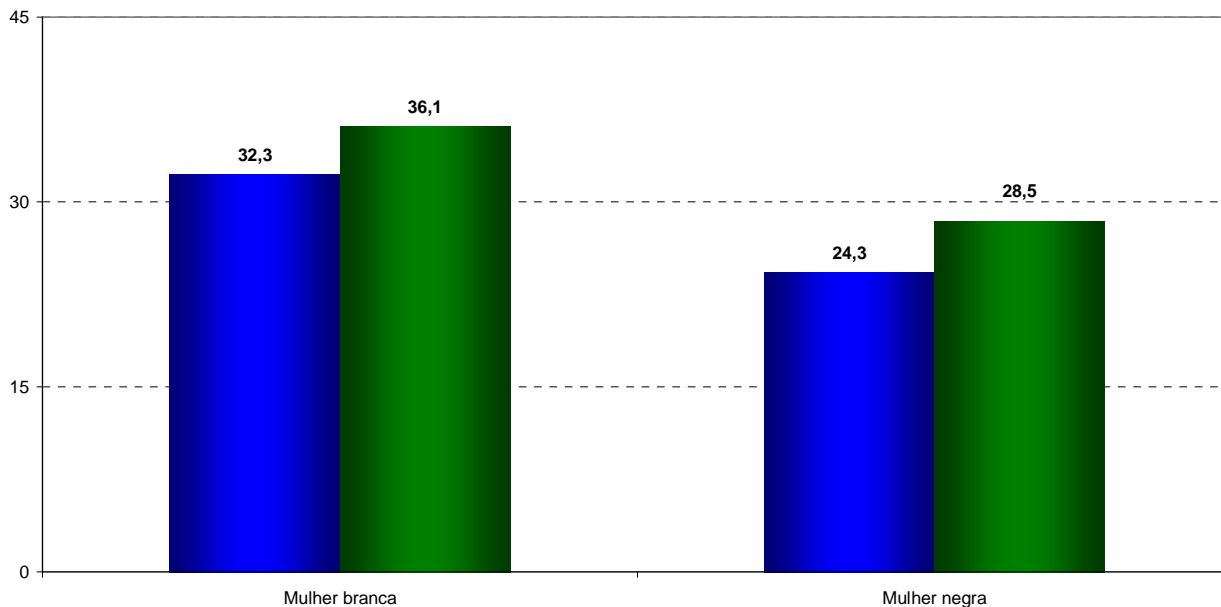


GRÁFICO 15
CONTRIBUIÇÃO DO RENDIMENTO DAS MULHERES NA RENDA DAS FAMÍLIAS SEGUNDO A RAÇA
BRASIL

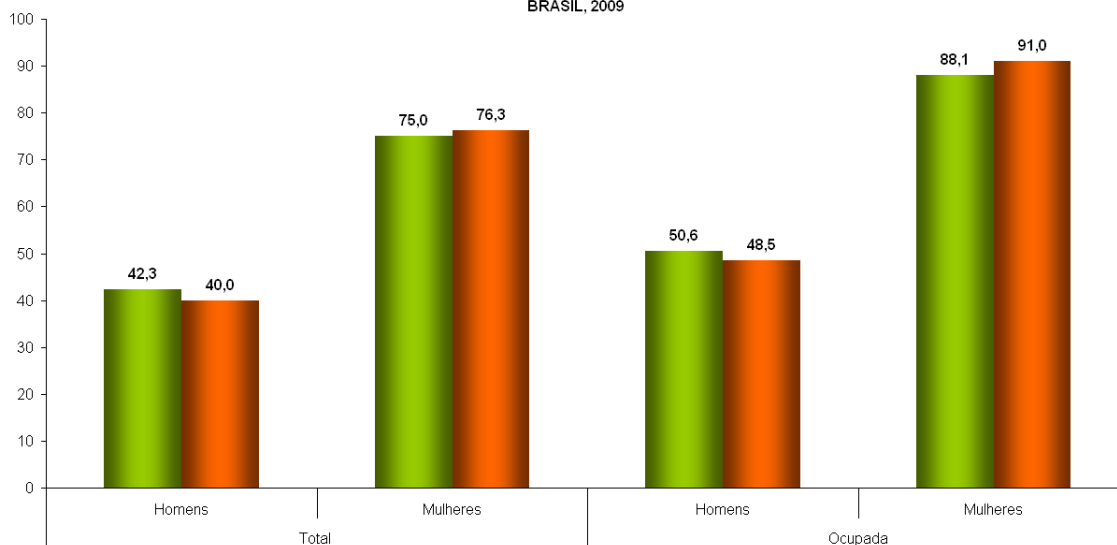


Fonte: IBGE/PNAD de 1999 e 2009.

■ 1999 ■ 2009

Apesar de estar assumindo o papel de provedora, a mulher brasileira continua sendo a principal responsável pelo cuidado doméstico, mesmo na condição de ocupada. A proporção de mulheres negras ocupadas que se dedicavam a afazeres domésticos em 2009 foi de 91,0% e a de homens, 48,5%. Entre a população branca, as proporções comparáveis foram de 88,1% e 50,6%, respectivamente (Gráfico 16). Mais expressivas foram as diferenças no número médio de horas trabalhadas em afazeres domésticos. As mulheres negras ocupadas despendiam, em média, 22,0 horas semanais e os homens, 9,8. Já as mulheres brancas passavam 20,3 horas e os homens, 9,1, o que sugere uma relação de gênero mais desigual entre as negras.

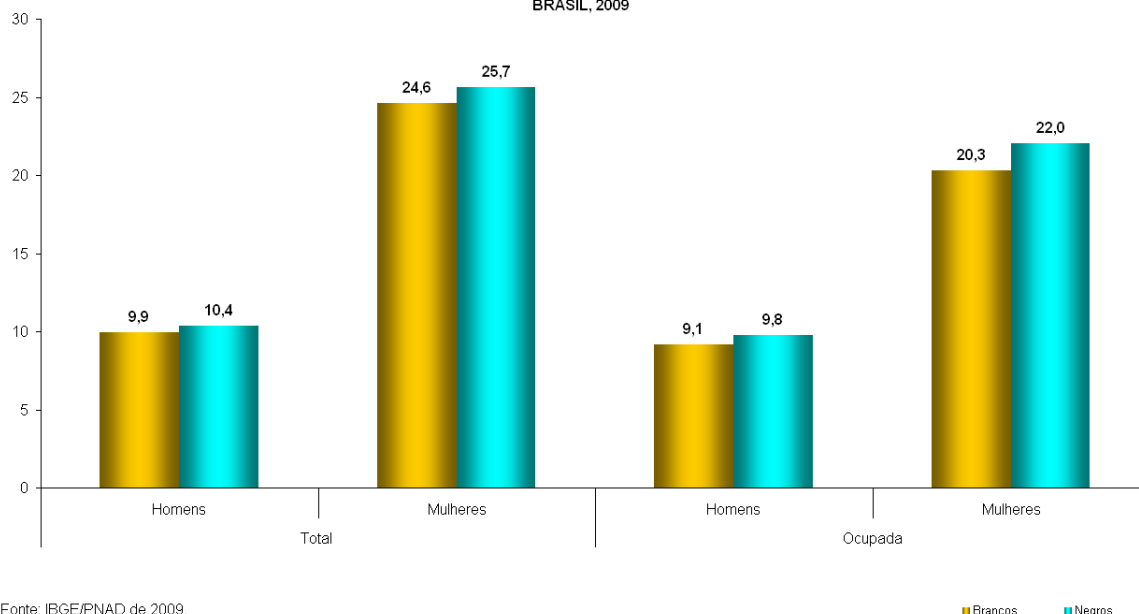
GRÁFICO 16
PROPORÇÃO DA POPULAÇÃO DE 10 ANOS E MAIS QUE CUIDA DE AFAZERES DOMÉSTICOS POR SEXO E RAÇA
(TOTAL E OCUPADA)
BRASIL, 2009



Fonte: IBGE/PNAD de 2009.

■ Brancos ■ Negros

GRÁFICO 17
NÚMERO MÉDIO DE HORAS SEMANAIS DEDICADAS AOS AFAZERES DOMÉSTICOS POR SEXO E RAÇA
(TOTAL E OCUPADA)
BRASIL, 2009



Em síntese, a família brasileira está mudando e a mulher é uma das grandes responsáveis por isto. Ela assume hoje novos papéis sociais, como o de provedora, dada a sua participação no mercado de trabalho, mas mantém os papéis tradicionais, como o de responsável pelas tarefas domésticas e cuidados com os membros dependentes. Isto não difere entre nos dois grupos populacionais.

5 - Envelhecimento Populacional

O envelhecimento de uma população, considerado sob o ponto de vista demográfico, é o resultado da manutenção, por um período de tempo razoavelmente longo, de taxas de crescimento da população idosa superiores às da população mais jovem. No caso brasileiro, isto foi resultado da rápida queda da fecundidade iniciada na segunda metade dos anos 60, que foi precedida em pelo menos 30 anos por altos níveis de fecundidade. Como se viu anteriormente, a fecundidade mais elevada da população negra implica um processo de envelhecimento em ritmo inferior ao da população branca. A proporção de negros com 60 anos ou mais no total da sua população foi de 9,7% e a de brancos, de 13,1% em 2009.

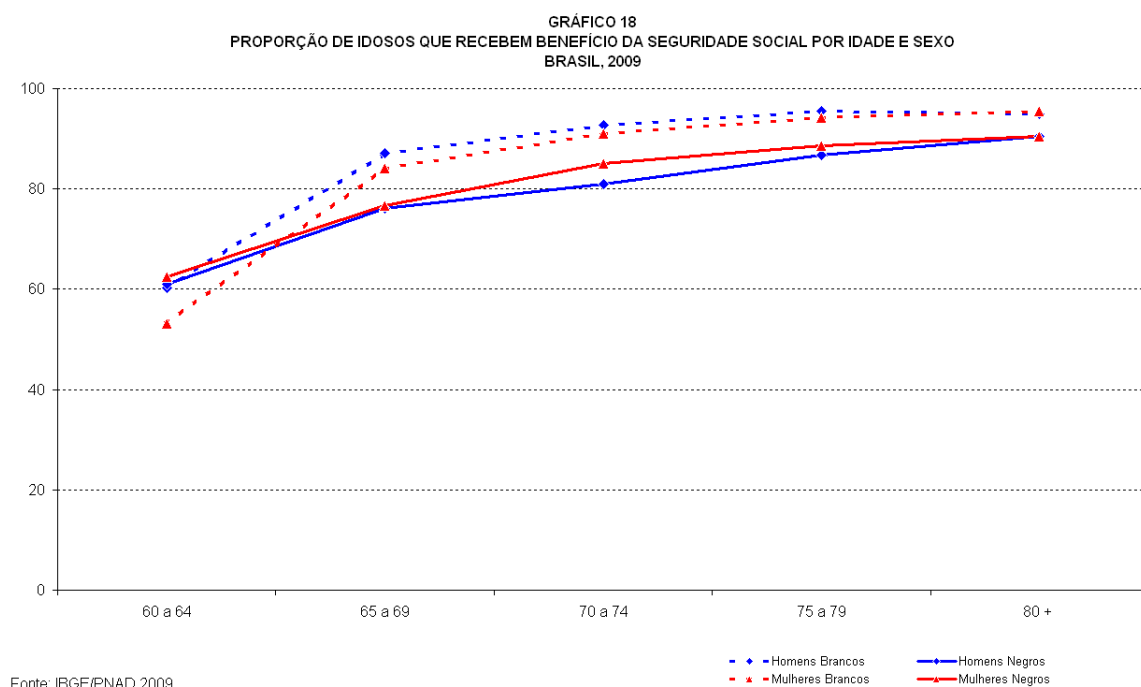
Apesar dos dois processos responsáveis pelo envelhecimento populacional terem sido muito bem recebidos, por serem resultados de políticas e incentivos promovidos pela sociedade e pelo Estado, as suas conseqüências são, em geral, vistas com preocupação por estes atores. A preocupação reside basicamente na associação feita entre envelhecimento e dependência.

Esta visão reconhece que o envelhecimento é um processo de perdas físicas, mentais, cognitivas e sociais, o que traz vulnerabilidades. Estas são diferenciadas por sexo, idade, grupo social, raças e regiões geográficas etc. É diferenciado, também, o momento – a idade – em que elas se iniciam. Assume-se que políticas públicas podem ter um papel fundamental na redução do seu impacto sobre o indivíduo e a sociedade.

Uma das características da população idosa é a alta proporção de mulheres, explicada pela maior mortalidade masculina. Essa proporção era maior entre as brancas. Na população idosa negra, a cada 100 mulheres, havia 88 homens. Entre as brancas, a relação foi de 75 homens para cada 100 mulheres.

São quatro as políticas mais importantes para a população idosa: renda, para compensar a perda da capacidade laborativa – previdência e assistência social; saúde; cuidados de longa duração; e a criação de um entorno favorável – habitação, infraestrutura, acessibilidade, redução de preconceitos etc. O caso brasileiro ilustra bem como as políticas de renda têm reduzido a associação apontada pela literatura entre envelhecimento e pobreza.

Os benefícios da seguridade social – previdência urbana, previdência rural, assistência social e as pensões por morte – cobriam 77,3% da população idosa negra e 78,3% da branca em 2009, ou seja, aproximadamente 16,6 milhões de idosos.⁵ Este percentual era praticamente igual entre homens e mulheres. Pode ser observado, no gráfico 18, que a proporção de beneficiários cresce com a idade e as diferenças entre sexos diminuem com ela. Aos 80 anos ou mais, 95,5% da população branca recebia algum benefício da seguridade social, enquanto a proporção comparável para os negros foi de 90,5%, o que permite concluir pela universalidade do sistema.

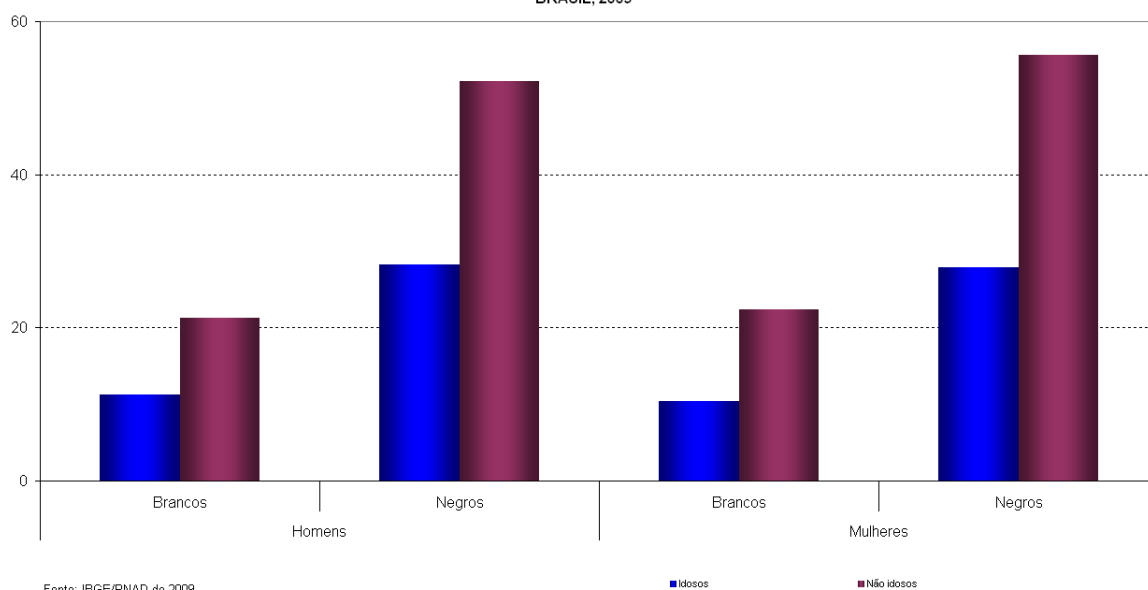


Como o piso para o benefício social estabelecido pela Constituição Federal de 1988 é de um salário mínimo, uma das consequências da ampliação da cobertura da seguridade social é a proporção menor de pobres⁶ entre os idosos. Isto se verifica nos dois grupos populacionais, mas a proporção da população negra pobre, quer seja idosa ou não, é mais elevada. (Ver gráfico 19).

⁵ Aqui estão considerados apenas os beneficiários com idade igual ou superior a 60 anos.

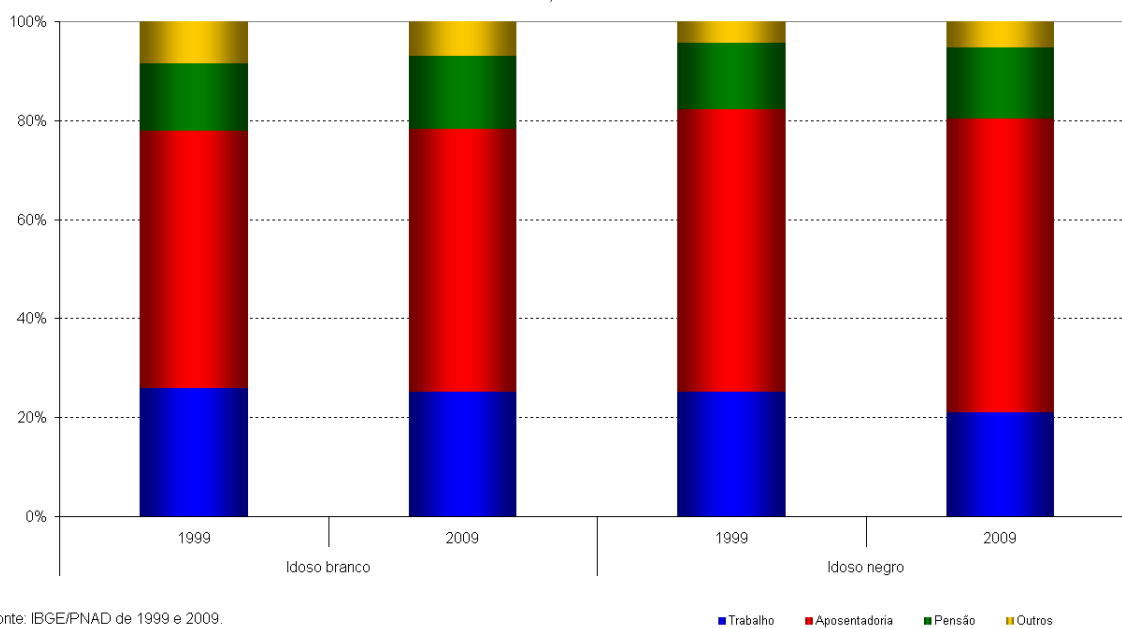
⁶ Foi definido como pobres as pessoas que residiam em domicílios com renda domiciliar *per capita* menor ou igual a meio salário mínimo.

GRÁFICO 19
 PROPORÇÃO DE IDOSOS E NÃO IDOSOS POR SEXO QUE RESIDEM EM DOMICÍLIOS
 COM RENDA PER CAPITA MENOR OU IGUAL A 1/2 SALÁRIO MÍNIMO
 BRASIL, 2009



Embora a parcela mais importante da renda dos idosos seja originária da seguridade social, cuja contribuição tem aumentado ao longo do período considerado, o trabalho aporta também uma parcela expressiva dos rendimentos, em especial entre os brancos (25,1% em 2009). Na população negra a contribuição foi de 20,9% (Gráfico 20). A proporção é bem mais elevada quando se considera apenas a contribuição dos homens.

GRÁFICO 20
 COMPOSIÇÃO DA RENDA POPULAÇÃO IDOSA SEGUNDO A RAÇA
 BRASIL, 1999 E 2009



6- Considerações Finais

Os brancos sempre foram majoritários no total da população brasileira. O Censo Demográfico de 2010 mostrou, porém, que, naquele ano, a população negra superou a branca. Foram encontradas 97 milhões de pessoas que se declararam negras, ou seja, pretas ou pardas, e 91 milhões de pessoas brancas. Isso pode ser decorrente da fecundidade mais elevada observada entre as mulheres negras, mas, também, de um possível aumento de pessoas que se declararam pardas em relação aos censos anteriores.

Além da fecundidade mais elevada entre a população negra, outra diferença importante na dinâmica demográfica encontrada neste trabalho foi no perfil da mortalidade, tanto por idade quanto por causas. Os óbitos da população branca eram mais concentrados nas idades avançadas. Entre os negros, notou-se uma proporção bem mais elevada de mortes na população de 15 a 29 anos, o que pode ser explicado pelo fato da população negra ser mais afetada pelas causas externas. Isto é mais marcado entre os homens. Na população feminina essas causas não aparecem entre as cinco principais em nenhum dos dois grupos raciais.

Observou-se que, entre os homens, a segunda causa mais importante na população negra foram as externas e na branca, as neoplasias. Já a terceira causa entre os negros foram as neoplasias e entre os brancos, as externas. Dentre as externas, as agressões (homicídios) foram, em 2001, as principais causas de morte tanto na população negra quanto na branca. Em 2007, apenas entre os negros os homicídios predominaram. Enquanto para os negros, elas foram responsáveis por aproximadamente 50% das mortes por causas externas nos dois anos considerados, para os brancos, a proporção comparável foi inferior a um terço. Esta proporção decresceu no período considerado e os acidentes de transporte passaram a ser responsáveis por 35,3% das mortes por causas externas entre os brancos e aproximadamente um quarto entre os negros.

Diferenças também foram observadas na configuração dos arranjos familiares e no papel social da mulher. Houve um crescimento expressivo no número de mulheres chefiando domicílios. A proporção foi maior entre as mulheres negras, principalmente no caso de arranjos com filhos residentes. No entanto, o aumento foi mais expressivo entre as brancas. Esses fatores provocaram algumas mudanças nas características dos domicílios brasileiros, alterando as relações tradicionais de gênero: mulher cuidadora e homem provedor, mas, também, de forma diferenciada. Por exemplo, a contribuição das mulheres brancas no total da renda das famílias foi de 36,1% e a das negras, de 28,5%.

As mulheres negras se envolviam mais nas atividades domésticas, mesmo na condição de ocupadas, do que as brancas, o que sugere uma relação de gênero mais desigual entre as negras. Isto se verifica quando se considera tanto a proporção de mulheres ocupadas que se dedicavam a afazeres quanto o número médio de horas trabalhadas nesses afazeres.

As diferenças na dinâmica demográfica por raça, descritas acima, colocam novos desafios para as políticas públicas. Um deles é o envelhecimento populacional. Percebe-se que o envelhecimento da população branca está mais avançado do que o da população negra, o que pode ser explicada pela fecundidade mais baixa do primeiro grupo. A proporção de negros com 60 anos ou mais no total da sua população foi de 9,7% e a de brancos de 13,1% em 2009.

Uma das características da população idosa é a alta proporção de mulheres, explicado pela maior mortalidade masculina. Essa proporção era maior entre as brancas.

Vários estudos já mostraram que o estado brasileiro conseguiu resolver, de alguma forma, a questão da renda para os seus idosos. Foi visto neste trabalho que os benefícios monetários da seguridade social abrangiam 77,3% da população idosa negra e 78,3% da branca em 2009, ou

seja, cobriam de forma semelhante os dois grupos populacionais. Este percentual era aproximadamente igual entre homens e mulheres. Aos 80 anos ou mais, 95,5% da população branca recebia algum benefício, enquanto a proporção comparável para os negros foi de 90,5%, o que permite concluir pela universalidade do sistema.

Uma das consequências da ampliação da cobertura da seguridade social é a proporção menor de pobres entre os idosos. Isto se verifica para os dois grupos populacionais, mas a proporção da população negra pobre, quer seja idosa ou não, é mais elevada que a branca.


Em resumo, a população negra predomina na população brasileira, é mais jovem, tem mais filhos, é mais pobre e está mais exposta à mortalidade por causas externas, especialmente homicídios.

7– BIBLIOGRAFIA

BELTRÃO, K. I.; CAMARANO, A. A.; KANSO, S. Dinâmica populacional brasileira na virada do século XX. Rio de Janeiro: Ipea, 2004 (**Texto para Discussão, n. 1.034**).

CAMARANO, A. A.; KANSO, S. Perspectivas de crescimento para a população brasileira: velhos e novos resultados. Rio de Janeiro: Ipea, 2009 (**Texto para Discussão, n. 1.426**).

IPEA. PNAD 2009 – Primeiras Análises: Tendências Demográficas. **Comunicados do IPEA, n. 64**. IPEA, outubro, 2010.



Ipea – Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

Secretaria de Assuntos Estratégicos da
Presidência da República